

# Siderúrgicas dão o calote no BNDES. Dívida atrasada já é de US\$ 350 milhões.

"Não estou interessado se as usinas siderúrgicas devem ou não ser privatizadas. Só quero o meu dinheiro", cobrou ontem o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Márcio Fortes. O banco é credor de US\$ 2,5 bilhões das empresas do grupo Siderbrás, dos quais US\$ 350 milhões estão vencidos. Criticado esta semana por deputados na Câmara, por suas posições políticas privatizantes, Fortes devolve as críticas e diz que no caso das siderúrgicas a privatização "não é uma questão ideológica, mas de sobrevivência".

Segundo levantamento do BNDES, as dívidas das quatro maiores usinas do grupo Siderbrás — Usminas, Açominas, Cia. Siderúrgica Nacional (CSN) e Cosipa — ascendem a cifra de NCz\$ 7,618 bilhões (valores de 30 de junho deste ano). A situação mais grave é da CSN que, ao final deste ano, terá acumulado um déficit de caixa de US\$ 700 milhões. Segundo a equipe técnica do BNDES que acompanha o setor siderúrgico, o endividamento da CSN é tal (NCz\$ 3,28 bilhões em junho) que se ela fosse vendida agora custaria 10% do seu valor real.

A situação financeira da Cosipa também é grave. A dívida ascende a NCz\$ 2,3 bilhões e o déficit projetado para dezembro é de

US\$ 400 milhões. Já a Usiminas e a Cia. Siderúrgica Tubarão (CST) estão em situação mais confortável.

Márcio Fortes reconhece que as siderúrgicas estatais foram sacrificadas nos últimos anos pelos baixos preços fixados pelo governo para o aço que produzem e diz que o ideal seria o Estado cumprir seus programas de investimento, que pressupõem aplicação de US\$ 10,5 bilhões nos próximos dez anos, para torná-las rentáveis e competitivas. Mas é aí que está o nó da questão: "Conhecendo a situação das finanças do Estado não há como garantir o cumprimento desses investimentos, que são indispensáveis para a sobrevivência delas", argumenta Márcio Fortes. Ele acredita que só o setor privado será capaz de reverter essa situação, realizando os investimentos que as tornem modernas, competitivas e respeitadas no mercado internacional.

Porém, tornar essas estatais atraentes para as empresas privadas é outro obstáculo difícil de superar. Na avaliação do presidente do BNDES, isso só será possível com a venda de todo o controle acionário e não através da pulverização de suas ações no mercado de capitais, com a manutenção do controle em poder do Estado, como defendem técnicos do governo.